

QUEM É MINHA VERDADEIRA MÃE?

GRACE THOMPSON

Minha filha adotiva estava obcecada em descobrir a resposta. Será que eu a amava o bastante para ajudar... e me arriscar a perdê-la?

O sol entrava pela janela, enquanto eu arrumava o quarto de dormir. É uma tarefa que me agrada e eu cantarolava baixinho, quando senti uma presença atrás de mim.

Era Lisa, nossa filha de 15 anos; tinha uma estranha expressão no rosto.

«Puxa, Lisa», disse eu, «você me assustou. Que é que há?»

«Quem sou eu?» perguntou ela.

Senti então um arrepio na espinha. «Ora, você é Lisa Thompson», disse eu, com um sorriso forçado.

«Não! Quem sou eu, de verdade?» perguntou ela, nervosa.

Eu e meu marido, Ray, havíamos adotado Lisa. Quando ela tinha quatro anos lhe revelamos que era adotada. Desde então, ela procedeu como se compreendesse que a amávamos profundamente. Às vezes eu desejava que ela pudesse ser mais efusiva no seu amor por nós, mas ela sempre fora uma criança maravilhosa, uma alegria constante.

«Quem são meus pais?» perguntou Lisa.

«Oh, Lisa, você sabe que é adotada, mas eu e Ray somos seus...»

«Vocês não são meus verdadeiros pais, você não é minha verdadeira mãe! Quero saber quem ela é!»

«Não sei, Lisa.»

«Você sabe!» disse ela, com os dentes cerrados, tentando conter as lágrimas. «Vocês estão querendo me afastar dela!» Saiu intempestivamente do quarto; fiquei aturdida.

Recordei uma cena passada 15 anos atrás. Eu estava no consultório de um médico e ele me falava sobre crianças adotadas. «Algumas jamais se preocupam com os pais verdadeiros», disse ele. «Outras ficam obcecadas em encontrá-los.»

Sinceramente, eu não sabia quem era a verdadeira mãe de Lisa. Relembrei a dourada manhã de setembro em que peguei pela primeira vez no colo uma bebê de três dias. Certamente, pensei, nos fora dada pela Providência divina. Eu tinha 36 anos e vinha rezando por uma «Lisa» desde o meu casamento há 17 anos. Os papéis de adoção traziam apenas o nome do pai.

Nunca soubemos o que desencadeou a obsessão que Lisa tinha de descobrir sua mãe verdadeira. Mas ela encontrara sua certidão de nascimento e em seguida telefonara para o médico que assistira ao parto. Telefonara para o advogado e para amigos da família. Mesmo quando soube que os registros de nascimento ficam lacrados na repartição respectiva, ela não desistiu.

À medida que o tempo passava, Lisa ia se tornando cada vez mais angustiada e insegura. Seu rendimento escolar piorou. Sua atitude em relação a mim e a Ray era reservada, distante. Nós a levamos a um

psiquiatra, mas isso não pareceu adiantar muito. Então, no verão anterior ao seu 18.º aniversário, Lisa mergulhou numa depressão assustadora. «Só serei feliz quando descobrir quem sou, a quem realmente pertença», dizia.

Sempre que falava assim, eu sentia o coração apertado. Será que fui tão ruim assim como mãe? Se Lisa encontrar sua mãe «verdadeira», sairá para sempre de nossas vidas?

Uma tarde de calor causticante, subi fatigada as escadas e passei pelo quarto de Lisa. A porta estava fechada; isso era algo a que eu já me acostumara. «Oh, Lisa», murmurei, «por que é que você se tranca tanto? Sabe que nós a amamos, e que só queremos o melhor para você!»

Recuei da porta do quarto e agarrei o corrimão atrás de mim. «Só queremos o melhor para você», acabara eu de dizer. Lisa queria conhecer seus pais verdadeiros. Isso era o «melhor» para ela. Se eu tivesse realmente fé suficiente (em Lisa, em mim mesma, em Deus), não deveria romper o círculo de egoístico amor dentro do qual estava tentando prender Lisa? Ali, parada no alto da escada, um pensamento me veio à mente: Será que eu amo Lisa o suficiente para procurar seus pais verdadeiros? Estremeci. Se fosse bem sucedida, poderia perdê-la, mas estava claro para mim que eu tinha de amar Lisa o bastante para deixá-la partir.

Algumas semanas depois, Ray e eu fomos contratar os serviços de um detetive. «Queremos que o senhor encontre os pais verdadeiros da nossa filha», disse Ray. No carro, voltando para casa, fui invadida por uma sensação de perda.

Recebemos um telefonema na semana anterior ao Dia de Ação de Graças. «Encontrei-os», disse o detetive. «Os pais verdadeiros da sua filha se casaram 10 dias depois de a terem entregue para ser adotada, mas se divorciaram alguns meses depois. Aqui está o nome da mãe dela, endereço e número de telefone.»

Fiquei atordoada, perguntando a mim mesma como iria conseguir agüentar.

Três dias depois, Lisa falou ao telefone com sua mãe verdadeira durante meia hora, depois desceu as escadas correndo. «Ela vem aí», exclamou. «Ela vem me ver amanhã!»

Gelei. Tudo estava acontecendo depressa demais. «Oh, Deus», sussurrei, «não me deixe perdê-la.»

Ouvi, paralisada, seus planos efusivos de se encontrar com a mãe no shopping center. «Depois quero trazer minha mãe aqui em casa», acrescentou.

É claro que concordei.

Na manhã seguinte saiu cedo, apressada, enquanto fiquei sentada à mesa do café, rezando para aceitar a mãe de Lisa e compreender os sentimentos de Lisa para com ela.

De repente, elas surgiram emolduradas pela porta — a mesma altura, os mesmos olhos, o mesmo cabelo castanho-avermelhado. Eram impressionantemente parecidas.

Olhando o belo rosto da jovem senhora, vi nele refletida a própria imagem de Lisa; estranhamente, senti meu coração encher-se de ternura.

Uma semana após o Dia de Ação de Graças, Lisa conheceu seu pai verdadeiro e um dos seus dois irmãos. Seu mundo se tornou mais completo; sua busca estava terminada. Lisa se tornou mais segura, mas no fundo de meu coração eu sentia medo e dor: Que iria acontecer agora?

No dia 2 de dezembro, Lisa saiu de carro para passar o dia com sua mãe verdadeira. Há dias que ela só falava daquele segundo encontro. Vendo-a sair, tive o impulso de abraçá-la como se me despedisse, mas Lisa acenou-me alegremente. Quando ela voltar, pensei, será para apanhar seus pertences? Legalmente era nossa filha, mas de que servem os legalismos se o coração anseia por liberdade?

O dia custou a passar. Anoiteceu; ouvi um carro parar lá fora, depois passos à porta. Procurei não deixar transparecer meu alívio quando Lisa entrou na cozinha. «Estou feliz por você estar de volta», disse eu.

Lisa aproximou-se e me abraçou. «Estou feliz por haver encontrado meus pais verdadeiros», disse ela. «Espero ser sempre amiga deles, mas aqui é que é a minha casa.»

Ela me estreitou nos braços e disse algo que raramente eu lhe havia escutado antes: «Eu amo você, mamãe. Mais do que nunca!»

Ficamos ali abraçadas, e pensei então numa grande verdade: o amor que se dispõe a ceder o que lhe é precioso por amor ao outro nunca perde de fato. Apenas abre uma porta, para o amor voltar, mais fone do que nunca.